



## **Perversão à parisiense: quando o mal está na rua**

*Perversion parisian: when evil is on the street*

DOI 10.15213/REDES.N15.P279

MURIEL EMÍDIO PESSOA DO AMARAL, JOSÉ MIGUEL ARIAS NETO

### **RESUMO**

A proposta desse artigo é de discorrer como a perversão se aloja em práticas da comunicação enquanto um circuito de cultura em representações e reverberações que se encontram naturalizadas no cotidiano de pessoas anônimas. Para inferir essa hipótese, a pesquisa tem como objetos empíricos a fotografia do menino sírio morto, Aylan Kurdi, em 2015 após naufrágio no Mediterrâneo e a charge produzida pelo jornal parisiense Charlie Hebdo. Assim, foram abordadas pessoas comuns em Paris para confirmar a intenção de que a perversão encontra-se como uma experiência estética no circuito da cultura de representações.

**PALAVRAS-CHAVE:** PERVERSÃO, CIRCUITO DE CULTURA, EXPERIÊNCIA ESTÉTICA

## **ABSTRACT**

The purpose of this article is to discuss how perversion is hosted in communication practices as a circuit of culture in representations and reverberations that are naturalized in the daily lives of anonymous people. To justify this hypothesis, the research has as empirical objects the photograph of the dead Syrian boy, Aylan Kurdi, in 2015 after shipwreck in the Mediterranean and the cartoon produced by the parisian newspaper Charlie Hebdo. Thus, ordinary people were approached in Paris to confirm the intention that perversion is found as an aesthetic experience in the circuit of representational culture.

**KEYWORDS:** PERVERSION, CULTURAL CIRCUIT, AESTHETIC EXPERIENCE

## **INTRODUÇÃO**

A proposta desse artigo é de discorrer como a perversão encontra-se nas nos discursos da comunicação e ressonâncias sociais, tendo como objetos empíricos a fotografia de autoria de Nilüfer Demir que mostra Aylan Kurdi, menino sírio de três anos, morto após naufrágio que aconteceu no mar Mediterrâneo na costa da Turquia, em 2015. Ele e a família integravam um grupo de pessoas que deixariam a Síria rumo a outros países europeus na intenção de livrarem-se do contexto de guerra na terra natal, poucas pessoas sobreviveram ao acidente, entre eles, o pai de Aylan. O outro objeto é a charge feita pelo jornal parisiense Charlie Hebdo que retrata como seria o menino caso tivesse crescido na Europa; com feições animais, o menino seria um estuprador na Alemanha. A primeira imagem mostra o horror da guerra; a outra, o deboche da dor e, em comum, a perversão naturalizada como representações midiáticas pela instrumentalização e dessubjetivação do outro.

Partindo desse pressuposto, essa pesquisa pretende elucidar sobre como a comunicação, que também pode ser observada como um circuito de cultura, não apenas elabora discursos perversos, mas também promove a perversão em circulações e reverberações, muitas vezes naturalizadas no tecido social pelas mediações que são feitas entre sujeitos. Para que esse objetivo fosse alcançado, a pesquisa reconhece o valor de pessoas comuns e anônimas na ressonância da perversão dentro do circuito de cultura, por isso, pela experiência estética (Dufrenne, 2008), as pessoas que foram

abordadas poderiam expressar livremente sobre as imagens apresentadas, apresentando sentimentos, afetos ou quaisquer tipos de consideração pela interface livre entre objeto e sujeito.

Após a coleta de dados, esses foram analisados segundo a metodologia circuito de cultura, elaborado por Richard Johnson (2006). A proposta de circuito elaborada pelo autor oferece mais ênfase aos contextos sociais para a circulação de cultura, além do reconhecimento da subjetividade, experiências vividas e representações sociais na formação dos sentidos dos textos que reverberam no tecido social. Assim, a pesquisa visa reconhecer valores perversos nos circuitos da comunicação sobre o tema das imagens selecionadas em duas perspectivas diferentes: a produção de texto e a circulação desses textos. A condição hipotética da pesquisa é subsidiada pela perspectiva estrutural construída pelos Estudos Culturais que percebem na cultura, essa rede simbólica de significação estruturada pelas relações humanas, um elemento edificante das relações subjetivas, interpessoais, de consumo, de trabalho e, também, de comunicação, além da resignificação de conteúdos.

### **CONSIDERAÇÕES TEÓRICO-METODOLÓGICAS**

A chegada em Paris, em fevereiro de 2017, para a realização da pesquisa foi algo marcante. A França estava tomada por vários assuntos com a sucessão presidencial, as políticas de imigração e temas referentes à violência urbana e à tensão sobre atentados. A intenção de realizar a pesquisa sobre a recepção de conteúdos midiáticos em Paris é porque a cidade é um dos destinos mais procurados pelos imigrantes do Oriente Médio, além de ser berço de um dos objetos empírico da pesquisa: a charge do jornal Charlie Hebdo sobre Aylan Kurdi. Por estar em período de sucessão presidencial de François Hollande, as questões referentes ao tema, escândalos políticos e movimentos ideológicos marcaram a efervescência pelas ruas da capital. Essa condição é importante ser pontuada, uma vez que durante esses períodos afloram posicionamentos e afetos que podem ser observados e sentidos nos discursos midiáticos, na rotina do cotidiano e nas várias formas de sociabilidades.

Refugiados e imigrantes reconhecem nos países europeus uma possibilidade de mudança de vida, seja como alternativa para sair do país de origem por conta de guerras civis, seja visando melhores condições de vida. Essas e outras questões de cunho social como o desemprego e os temas referentes à religião tornam-se assuntos frutíferos no meio social e nas práticas

discursivas midiáticas; temas que desenvolvem afetos tanto para manifestações solidárias em nome da alteridade como para a construção de discursos e sintomas perversos de hierarquização, distinção e afastamento social.

Para contextualizar o tema central da pesquisa; a perversão, além de ser uma condição estruturante do psiquismo humano, como sugerido por Freud (1996[1905]), desenvolvida com mais primor por psicanalistas lacanianos, como Joël Dor (1991), também pode ser considerada uma manifestação social. Enquanto uma estrutura psíquica, o sujeito perverso se configura pela renegação da castração, ou seja, desliza sobre as estruturas de poder com a intenção de se esquivar da angústia da castração (como aconteceu com a sua mãe) em nome dos movimentos de prazer e gozo. Como a fantasia do perverso é de refutar a lei, mesmo reconhecendo o interdito dessa qualidade, o sujeito perverso não credita à condição imposta pela lei e mesmo assim age. Enquanto uma prática social, a perversão não perpassa as noções de sexualidade, ela tem a “pulsão de dominação, na dessubjetivação e na instrumentalização do outro” (Szpacenkopf, 2011, p. 11). Em outras considerações, a autora pontua que a perversão como discurso e prática social tem como armas fundamentais a onipotência e a violência, que pode ser física, simbólica ou social em que “(...) o outro não tem valor de mercado, nem de vida, nem de existência – a desigualdade social fomentada por incapacidade econômica, para não falar das que já implicam raça e gênero” (p.13). A pesquisa reconhece a perversão como sendo uma construção textual, enquanto uma intenção da elaboração discursiva da charge e da fotografia analisadas, em outro momento, a perversão se encontra fora dessa condição, em circulação como sendo uma prática social que fomenta a instrumentalização, espetacularização e indiferença à dor do outro.

A escolha desses objetos se dá porque ambos foram muito divulgados nos circuitos de comunicação, sendo compartilhadas muitas vezes em redes sociais, e também foram assuntos de matérias em sites, noticiário de televisão, jornais e revistas. Por isso, presume-se que as imagens tenham alto valor estético para que pudessem ser midiaticizadas no espaço social. A preferência por Paris para a realização da pesquisa é porque a cidade é visada por imigrantes. Além disso, em 2015, o jornal que integra a pesquisa foi alvo de atentado que levou 11 pessoas à morte e outras 12 ficaram feridas. A intenção do atentado, segundo notícias da época<sup>1</sup>, seria uma represália ao jornal por ter reproduzido imagens de Allah, deus islâmico, algo condenável dentro da

---

1 Ver em <http://g1.globo.com/mundo/noticia/2015/01/tiroteio-deixa-vitimas-em-paris.html>. Acesso em: 14 fev. 2017.

cultura islâmica. Movimentos na França e pelo mundo ofereceram solidariedade e apoio às vítimas do atentado com a campanha #JeSuisCharlieHebdo que se alastrou pelas redes sociais na defesa da liberdade de expressão e comunicação.

Para reconhecer como os objetos foram apreciados pelas pessoas abordadas<sup>2</sup>, a pesquisa adotou a abordagem direta pelas ruas de Paris (nas regiões de Marais, Île de la Cité, Clichy e Montmatre), entre os dias 07 e 10 de fevereiro de 2017, convocando os transeuntes para comentar as imagens em questão. A proposta de fazer a pesquisa nas ruas sem a delimitação de variantes de pessoas abordadas (sexo, idade, condição econômica, etc...) se dá por reconhecer que as práticas perversas se encontram no cotidiano, entre figuras anônimas que reverberam a perversão de modo naturalizado e ausente de reflexão crítica. Essas considerações vão ao encontro do posicionamento de Hannah Arendt (1999) sobre a banalidade do mal. Para a autora, o mal se prolifera não apenas entre sujeitos de renome ou dotados de reconhecimento social, mas, e principalmente, entre aqueles que cumprem uma relação de dominação por adotar esses comportamentos de modo singular, sem a devida reflexão.

Desse modo que Arendt não considerou Adolf Eichmann, profissional responsável pela logística dos trens que transportavam pessoas para os campos de extermínios e realocações entre campos de concentração, no período do Holocausto, como uma fera abominável e repugnante, uma imagem atribuída a ele antes de seu julgamento. Arendt o percebeu, na verdade, como sendo um sujeito medíocre, convencional e que estaria apenas cumprindo ordens para a promessa de uma nação livre de possíveis males. Entretanto, mesmo analisando o perfil de Eichmann como uma pessoa limitada, ela não o exonerava da responsabilidade de seus atos e pondera que, dentro dessa situação, o mal se prolifera e repercute na ausência de criticidade. Como apresenta Dufour (2013), mesmo o sujeito não sendo perverso, mas, por estar inserido dentro de uma cultura perversa que reconhece no outro uma forma de instrumentalização para o próprio gozo, o sujeito produz e reproduz valores perversos por uma questão até mesmo de inserção e agrupamento sociais.

Por outro lado, contemplar ilustres anônimos é também reconhecer o cotidiano como parte expressiva na compreensão dos discursos e afetos e também como um modo de produção de história. Como reconhece Heller

---

2 Como a pesquisa utilizou de roteiro de perguntas, os participantes da pesquisa serão tratados como *abordados*, porque o posicionamento deles não são respostas, como de entrevistados, mas de considerações.

(1985), é na vida do cotidiano que se encontra a vida do “homem inteiro” (p.17), sua personalidade, individualidade; é também no cotidiano que se encontra em atividade as habilidades manipulativas, capacidades intelectuais, paixões, sentimentos e ideais e traços de ideologias (p. 18). A autora também ressalta que a vida cotidiana é heterogênea, ou seja, repleta de várias referências para a constituição do sujeito como, por exemplo, trabalho, vida privada, lazer; além disso, a vida cotidiana é hierarquizada, o que não quer dizer que a hierarquia estabelecida não seja mutável, justamente por ser organizada segundo algumas variantes sociais, culturais e também econômicas. Esses pontos da vida cotidiana são estabelecidos pelas mediações sociais que são elaboradas enquanto manifestações privadas e públicas, o que inclui também o intercâmbio da comunicação social. Essas interfaces e mediações são importantes porque estruturam as subjetividades e podem ser sinais também para compreender a diversidade de posicionamentos individuais e as noções de cultura enquanto discursos coletivos.

Como ferramenta de pesquisa em campo, os pesquisadores plastificaram as imagens utilizando frente e verso do mesmo material; sendo que primeiramente foi apresentada a fotografia da criança morta e depois a charge do jornal parisiense. As pessoas que se dispuseram a participar da pesquisa eram abordadas e poderiam de forma livre discorrer sobre os sentimentos, percepções, desejos, enfim, qualquer qualidade que lhes viessem à tona sem o questionamento, interpelação ou qualquer outra forma de intervenção sobre o discurso dos pesquisadores.



FIGURA 1: REPRODUÇÃO DA IMAGEM DE AYLAN KURDI MORTO (FRENTE)





faz ascender o sentimento desenvolvido pelo afeto criado pelas interfaces realizadas. Ainda na esteira do pensamento do autor:

A verdadeira expressão brota das profundezas do objeto quando essas profundezas ascendem às superfícies e se expõem, todas, no sensível, para despertar no espectador o sentimento singular de uma qualidade afetiva que pode ser enquadrada numa categoria afetiva. (p. 73).

Essas qualidades da experiência estética suscitam no indivíduo o seu posicionamento no mundo, uma forma de se colocar frente ao mundo, como sujeito em movimento e em atividade. O sujeito tem força para o julgamento sobre os valores estéticos, algo que anterior a Kant era restrito às faculdades do objeto. Com essas propostas apresentadas, a pesquisa fundamenta a importância do reconhecimento do sujeito dentro do meio social, seja para produção e reprodução de discursos midiáticos perversos, seja pela capacidade de interpretação e a reverberação desses discursos na cotidianidade.

Após a coleta de dados estabelecida pela experiência estética, a pesquisa se apóia no circuito de cultura, estabelecido por Richard Johnson (2006), para análise dos posicionamentos apresentados. O circuito desenhado por Johnson elabora noções de capital, produção e também de formas subjetivas. Para o autor, o sentido da significação do discurso não se encontra no texto, mas na organização do circuito da cultura. Como a abordagem de Johnson é amparada sob os Estudos Culturais, que reconhece a dominação não pela ordem econômica, mas sim cultural, há uma ênfase maior no reconhecimento dos sujeitos dentro da esfera social para a construção cultural. Essa parte da pesquisa será abordada após o a apresentação dos dados coletados entre as pessoas abordadas; todavia, é importante considerar que o circuito pensado por Johnson dialoga muito com os estudos de recepção e comunicação elaborados por Stuart Hall e Martín-Barbero, como aponta Escosteguy (2007). A intenção desse texto não é de estabelecer a relação entre os posicionamentos de cada autor, mas considera que “A conversão do circuito da cultura em circuito da comunicação, dentro do âmbito dos estudos culturais, pode ser pensada na medida em que ambos destacam o papel crucial da dimensão simbólica que está no centro da vida social” (p.133). Com isso, a cultura também pode ser pensada enquanto uma forma de comunicação.

## A EXPERIÊNCIA ESTÉTICA NAS RUAS

Sair às ruas em seu país para coleta de dados é algo que requer cautela, destreza por que nunca se sabe a reação do interlocutor na receptividade da pesquisa. Acreditamos que essa tensão pode ser ainda maior em um país do outro lado do Atlântico, dentro de uma cultura diferente e com os impedimentos linguísticos, ainda mais quando o país parece estar coberto por uma nuvem de tensão constante de ataques terroristas. Alguns dias antes da chegada dos pesquisadores à cidade, policiais contiveram com disparo de arma de fogo um homem de descendência muçulmana no estacionamento do Museu do Louvre que gritava “Allahu Akbar” (Alá é grande). De acordo com fontes do governo, ele seria um terrorista e que poderia cometer algum ato<sup>4</sup>. No momento do tiro, ele portava duas bolsas e uma faca e foi alvejado por armas de fogo.

Conforme mencionado, os participantes da pesquisa foram convidados a discorrer sobre as duas imagens selecionadas. As pessoas foram escolhidas aleatoriamente no espaço social: durante a atividade profissional, no intervalo para um cigarro, na brincadeira com crianças na praça, ou sendo mais um flâneur, entre muitos que trafegam por Paris, registrando pela máquina fotográfica ainda analógica a dança do cotidiano de uma cidade grande no inverno. As pessoas abordadas forneciam para divulgação apenas profissão e idade; salvo isso, poderiam se expressar sobre as imagens sem qualquer impedimento.

Ao todo, foram abordadas 11 pessoas, sendo que dessas apenas 07 deram continuidade à pesquisa até o fim, 04 se recusaram a atender ao convite, sendo três homens e uma mulher. A idade do universo pesquisado variou entre 23 a 55 anos de idade e as profissões das pessoas eram: monitora de museu, garçom, gerente de bar, encarregada de escritório, dona de casa, fotógrafo e professora universitária. Por uma questão de segurança, os nomes dos participantes não serão divulgados e as informações coletadas serão descartadas após a publicação desse material.

QUADRO 1 - QUADRO DE PESSOAS ABORDADAS				
PESSOAS ABORDADAS	SEXO	IDADE	PROFISSÃO	DIA DA ABORDAGEM
1ª pessoa	Feminino	23	Monitora de museu	07/02/17

<sup>4</sup> Ver em: <http://veja.abril.com.br/mundo/homem-que-tentava-entrar-armado-no-museu-do-louvre-e-baleado/> Acesso em: 21 fev. 2017.

2ª pessoa	Feminino	30	Gerente de restaurante	08/02/17
3ª pessoa	Masculino	28	Garçom	08/02/17
4ª pessoa	Feminino	43	Encarregada de escritório	08/02/17
5ª pessoa	Feminino	55	Dona de casa	09/02/17
6ª pessoa	Masculino	46	Fotógrafo	09/02/17
7ª pessoa	Feminino	48	Professora universitária	10/02/17

FORNE: AUTORIA DOS PESQUISADORES

O primeiro que se recusou a participar da pesquisa o fez prontamente ao ser abordado ao lado de sua banca de livros e revistas usados ao lado do rio Sena, logo no primeiro dia de campo (07/02/17). O homem de aparentemente 60 anos não esperou que os pesquisadores terminassem a apresentação da pesquisa para se recusar a participar de forma ríspida. O segundo que não quis participar da pesquisa estava reticente logo na apresentação, era um artista que fazia caricaturas e pinturas em Montmartre, no dia 09/02/17. Em um primeiro momento, o senhor de aproximadamente 50 anos, respondeu afirmativamente pela participação, mas logo que a primeira imagem foi apresentada, desistiu da pesquisa e sinalizou que a praça estava cheia de pessoas que poderiam ajudar. A terceira pessoa que se recusou a participar foi uma garçonete. Todavia, ela recomendou que a pesquisa fosse realizada com sua superior no estabelecimento. A quarta recusa partiu de um funcionário de hotel, da faixa de idade de 25 anos, que também prontamente se negou a participar, mas de uma forma muito cortês, no dia 10/02/17.

A primeira pessoa abordada que participou da pesquisa foi uma moça de 23 anos, monitora do Museu do Louvre. Na verdade, foi ela quem nos abordou com a intenção de ver a preferência de compra dentro de uma das lojas de souvenirs do museu. Após a realização da pesquisa dela, a convidamos para participar da nossa pesquisa. A primeira imagem ela relata: “Isso é um horror que não deveria acontecer. É muito desolador”. Quando a outra imagem foi apresentada a charge, ela a reconhece como sendo do jornal Charlie Hebdo e afirma: “Bom, a charge é severa e mostra como seria a vida dele se tivesse sobrevivido. Mas, retrata na Alemanha! Acredito que se fosse na França poderia ser diferente”. Conforme o combinado, encerrou o assunto e agradeceu a participação. É interessante perceber que ela

reconhece o valor da dor na foto que evidencia o menino, todavia, percebe-se que afloram traços nacionalistas mesmo diante de uma questão delicada e de caráter mais global como é imigração na Europa, quando a charge é apreciada por ela.

A segunda abordagem foi interessante do ponto de vista participativo das pessoas abordadas. Foi à noite em um restaurante, em Marais, quando os pesquisadores abordaram a garçonete que os atendia. Muito solícita, ela disse que não poderia porque essa função é da gerente do local. Então, um dos participantes se direcionou ao balcão em que a gerente se encontrava, uma moça extrovertida de 30 anos. Quando foi feita a apresentação, uma cliente do restaurante estava no balcão ao lado do pesquisador perguntou se poderia participar também e, assim, foi contemplada na pesquisa, uma mulher de 43 anos de idade que trabalha em escritório. A fotografia do menino morto foi apresentada e a gerente do local não sabia ao certo de quem se tratava e pediu ajuda a um garçom que, depois foi inserido na pesquisa também. Ela afirma: “É um horror, muito traumático. Ele é aquele menino... (Chama pelo nome do garçom) esse menino é sírio, não é?”

O garçom prontamente veio ver a foto, pediu permissão para participar, e se pronunciou com veemência: “Essa foto é falsa! Essa foto é falsa! Você sabia que essa foto é falsa, é uma montagem?” A intensidade da voz dele parecia que queria dizer alguma coisa para além da composição fotográfica. Como a experiência estética não tem intervenção de outrem na interface entre os sujeitos e objetos, a melhor saída para aquela situação foi deixar o garçom expor o seu posicionamento, que se resumiu em apenas apontar que a fotografia seria uma montagem. O pesquisador afirmou que conhecia essa hipótese, pois circulou nas redes sociais uma possível montagem daquela fotografia. A amiga da gerente que estava sentada ao balcão disse: “Mas a criança está morta. É isso que você quer saber, não é? É desolador”.

Quando a charge foi mostrada ao pequeno grupo formado, o garçom ficou silêncio e se retirou sem questionar qualquer coisa, apenas um leve semblante de choque. A gerente não sabia de onde era a imagem? “Esse desenho é daqui?”, imagina-se que ela quis dizer que fosse uma produção francesa. A amiga dela afirma: “Isso é Charlie Hebdo, não é?” A gerente teve um insight como quem acabara de resgatar da memória o fato e as polêmicas envolvendo o jornal e dispara: “Eu acho engraçado”. A cliente e amiga a repreende imediatamente: “Isso não é engraçado! É ácido, é uma forma de humor. Como Charlie Hebdo é crítico e debochado, ele pode fazer isso. Charlie Hebdo é ousado.” Após a interação, o pesquisador agradeceu a participação delas, mas não encontrou o garçom para que ele pudesse fazer alguma colocação

que fosse além da feição de susto ao ver a charge.

Pela participação desse grupo, é pertinente considerar que há certa alienação frente aos acontecimentos que se alastraram em nível mundial. A imagem do menino morto reverberou em escala planetária e, mesmo assim, uma delas não sabia nem a nacionalidade da vítima. Além disso, que diferença faz se a fotografia é uma montagem sendo o que a criança é um sintoma de uma debilidade social grave? Um outro ponto é quanto à naturalização da perversão enquanto um código social. A encarregada de escritório não questiona e nem critica o posicionamento do jornal; ao contrário, alimenta e reproduz, sob outro ponto de vista, a instrumentalização e dessubjetivação do outro, tendo como álibi o humor do jornal na produção da charge. Na concepção dela, o humor satírico e mais ácido teria licença poética e moral de menosprezar a dor, o sofrimento e as mazelas humanas e ainda ser considerado “ousado”. Considerar que as duas mulheres e o rapaz sejam perversos é um tanto quanto equivocado; entretanto, podemos considerar que, mesmo apresentando posicionamentos distintos de interpretação do fato, eles comungam de valores que promovem distinção, hierarquização e irrelevância do sofrimento alheio e, mais grave ainda, da condição humana.

As duas pessoas que foram abordadas na sequência no dia seguinte estavam desfrutando de horas livres na Place de Vosges, em Marais, bairro próximos a pontos turísticos de Paris. O primeiro a ser abordado foi um homem de 48 anos, fotógrafo, que tranquilamente fazia alguns cliques da paisagem fria da praça. Ao mostrar a fotografia, objetivamente, ele falou: “É decepcionante, é um horror”. Quando apreciou a outra imagem, ele também foi bem objetivo: “É igualmente um horror, desumano. Só contribui para o preconceito, para mais nada”.

Uma opinião semelhante à de uma senhora que brincava de bola com seus netos. Ela foi mais receptiva que o primeiro abordado e se sentiu à vontade de conversar com um dos pesquisadores, já que um filho dela passava uma temporada no Brasil, mais precisamente na capital paulista, para lecionar em uma universidade. Quando ela aprecia a primeira imagem, ela relata: “Essa imagem foi muito divulgada, é um horror”. Antes de mostrar a outra imagem, uma das crianças, um menino de aproximadamente seis anos, pergunta que imagem seria aquela; o pesquisador pergunta a ela se pode mostrá-la e a resposta é direta: “Não, por favor! Essa imagem é muito chocante para eles” e o pedido dela foi aceito.

Quando ela aprecia a charge ela também foi categórica: “Desolador (dá um suspiro mais profundo) Esse desenho só mostra o preconceito e o horror de como a mídia trata os imigrantes”. Por esse lado, é pertinente apontar que

há movimentos de alteridade que reconhece no sofrimento daqueles que já se encontram em estado de vulnerabilidade. A sexta abordada referencia um ponto interessante que é a abordagem feita pela mídia sobre o tema que é a espetacularização da dor.

Esse posicionamento foi o também adotado pela última participante, em um café em Clichy. Muito serena e agradável, ela desenvolveu melhor as suas ideias: “A imagem é muito complicada. Foi muito divulgada. Fico imaginando se fosse um filho, um conhecido nessa situação, precisaríamos nos colocar na situação da família e do menino”. Em posicionamento crítico sobre a imagem, ela ainda segue: “A fotografia é clichê sobre acidentes e mortes. Ao mesmo tempo que seria interessante divulgar [o acidente], é feita a mesma coisa sempre. Essa imagem torna-se um espetáculo”.

Quanto à interface com a charge, o posicionamento dela é mais crítico ainda: “Bom, isso aqui é uma agressão terrível. É uma forma muito reducionista de assimilação e representação dos imigrantes”. Ela ainda se posiciona desaprovando a atitude do jornal. “É uma situação complicada. O jornal nem sempre faz um humor interessante”. A professora ainda discorre sobre a reverberação do atentado sofrido na redação do jornal: “Não compreendi porque após o atentado do jornal, muitas pessoas saíram às ruas dizendo ‘Je suis Charlie Hebdo’. Charlie sempre foi abusivo. A capa [do jornal]<sup>5</sup> dessa semana é também agressiva (dá uma baforada indignada). Você viu?”.

O posicionamento dos três últimos participantes envereda para tendências mais críticas sobre os discursos midiáticos e a reverberação dos acontecimentos no bojo social. Primeiramente, é importante analisar que os três apontaram sobre a existência de preconceito e a espetacularização das imagens. A partir dessas considerações, é relevante perceber que as manifestações de preconceitos podem ser consideradas discursos perversos pela necessidade de fomentar e solidificar a diferença e estigmatizações. A espetacularização, para Debord (1997), é uma vertente dos tentáculos do capitalismo que, com a exposição e usufruto de alguma condição, consegue estabelecer e obter lucro e reconhecimento pela exploração dessa condição retratada.

As construções discursivas tanto da fotografia como da charge, segundo

---

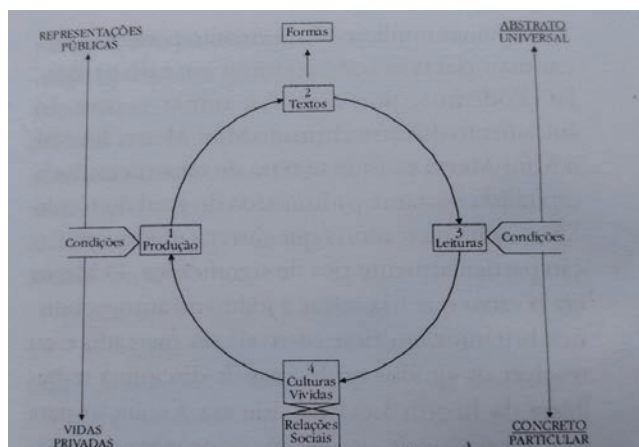
5 A capa a que ela se refere é da edição de número 1281, de 08 de fevereiro desse ano que traz a seguinte manchete principal: “Et maintenant la sextape” [E agora, o sex-tape] em que mostram o casal François e Penelope Fillon gesticulando ato sexual. Ele é um dos candidatos a presidente na França e ela, esposa dele, é acusada de ter sido funcionária fantasma como assistente parlamentar de marido e também de Marc Joulaud, ambos deputados. Na França, é permitido o nepotismo, todavia, por oito anos, segundo o jornal Le Canard, autor da denúncia, ela era remunerada sem o exercício da atividade destinada.

os últimos participantes, colaboram mais para manifestações de estereótipos e de espetáculo do que ações para o engrandecimento social. O questionamento da professora sobre a atitude massiva de pessoas em solidariedade ao atento, na percepção dela, fomenta e encoraja o jornal na prática de comportamentos para a perpetuação de distinções e preconceitos. Dentro do universo analisado, há posicionamentos heterogêneos, semelhantes, distintos e, até mesmo, contraditórios. Essa complexidade de opiniões é o que constitui os signos e práticas discursivas da cultura e circuitos de comunicação, envolvendo também relações de poder e compartilhamento de representações na formação de circuitos de culturas.

### A PERVERSÃO NO CIRCUITO DE CULTURA

A escolha do circuito de cultura idealizado por Johnson para analisar os posicionamentos dos participantes acontece por que, como aponta o autor, há a necessidade de reconhecer em outras áreas do conhecimento como estética, história, psicanálise, por exemplo, contribuições para compreender os meandros da sua dinâmica. Outro ponto relevante dessa metodologia é o reconhecimento do sujeito dentro do processo da comunicação, pois o autor não compreende a recepção apenas no consumo e na interface, mas também enquanto um acontecimento que se prolifera pelo bojo social em outras ressignificações.

FIGURA 3 – CIRCUITO DE CULTURA



FONTE: JOHNSON (2006, P.35).

Nesse esquema apresentado pelo autor, as quatro instâncias não podem ser vistas separadamente, mas enquanto um processo de formação cultural. A *produção*, para Johnson, é composta pelos elementos e processos que envolvem os procedimentos de elaboração dos produtos, já que na perspectiva dele, a cultura apresenta uma relação muito enfática com consumo.

É importante resgatar os modos de produção dos elementos culturais da fotografia de Aylan morto na praia turca. A fotografia não é apenas um material iconográfico, ela oferece saídas de sentido e apropriações mais densas quando analisada como sendo um produto cultural, pois, também, apresenta empréstimos da cultura vivida pelos interlocutores e as formas de subjetividades constituídas dentro desse circuito. A produção é o sintoma da união entre as representações das formas públicas e privadas de significação. Essas representações, na verdade, dialogam com os movimentos de representações sociais e as culturas vividas para a concretização da produção.

Por esse estágio, produção não pode ser compreendida exclusivamente como produtividade, a despeito de haver relações de produtividade como organização da produção. Em entrevista à CNN, Nilüfer Demir afirma que recebeu a informação do desastre na praia de Brodum e vai ao destino e relata. “There was nothing left to do for him. There was nothing left to bring him back to life (...)/There was nothing to do except take his photograph ... and that is exactly what I did”<sup>6</sup>. A intenção não é de demonizar o trabalho da fotógrafa, mas de perceber a manutenção do habitus das formas de representação da dor e do sofrimento pela fotografia e no exercício do fotojornalismo.

A montagem da fotografia de Nilüfer apresentou uma fórmula que foi interessante na intenção de desenvolver alteridade e benevolência como foram os casos das fotografias produzidas por Huynh Cong Ut que retrataram Kim Phuc, ainda menina que correu nua quando sua cidade foi sofrendo com o bombardeiro de napalm no Vietnã, em 1972; hoje ela ocupa um cargo nas Organizações das Nações Unidas (ONU) e a denúncia da miséria e da fome de uma criança no Sudão que foi registrada por Kevin Carter, 1993. Todavia, a intenção da fotógrafa turca não foi apropriada como ela sugeriu no jornal: “I thought, ‘This is the only way I can express the scream of his silent body’.”,

6 Ver em <http://edition.cnn.com/2015/09/03/world/dead-migrant-boy-beach-photographer-nilufer-demir/>. Acesso em: 24 fev. 2017. Tradução livre: “Não havia nada para fazer a ele. Não havia nada que o traria vida. Não tinha nada para fazer, exceto fotografá-lo...e eu fiz exatamente isso”.

7 Ver em <http://edition.cnn.com/2015/09/03/world/dead-migrant-boy-beach-photographer-nilufer-demir/>. Acesso em: 24 fev. 2017. Tradução livre: “Eu pensei: ‘este é o único meio que eu consigo expressar o grito de um corpo em silêncio”.



justamente por que os contextos, a produção textual e as formas de leituras são diferentes dos exemplos apresentados.

Os valores de espetacularização sobressaíram a qualquer movimento de alteridade quando o assunto são as imagens de Aylan. Após os atentados contra as Twins Towers, em 11 de setembro de 2001, reforçou-se ainda mais a distinção existente entre os mundos ocidental e oriental. Há representações sociais, que são ratificadas pelas experiências vividas, da possível agressividade de islâmicos e nativos do oriente médio a países da porção ocidental. A distinção entre esses mundos não é recente, como apresenta Edward Said (1979) sobre a construção de representação dos orientais pelos ocidentais que trafega em movimentos de hegemonia e poder, considerando aqueles que estão fora dos códigos convencionais europeus como exóticos, diferentes, até mesmo, selvagens. Assim, foi denominado o orientalismo, uma expressão de formação que valida a hierarquização construída pelos ocidentais frente aos orientais.

A imagem do menino morto não expressa apenas o horror da guerra civil que a Síria enfrenta, mas também o descaso da representação da dor do outro como uma condição banal de representações midiáticas, uma prática constante no cotidiano dos meios de comunicação e uma fórmula presente no cotidiano das representações culturais. Por isso, o apontamento da sétima pessoa abordada que percebe essas representações imagéticas como sendo clichês aos modos de representação, além de promover ações de espetacularização do sofrimento alheio. A espetacularização, como hierarquiza representações, em nada contribui para o espaço político de debate, pois, consolida os espaços e os sujeitos de tal modo que são reconhecidos apenas enquanto subterfúgios para o sistema capitalismo. A fotografia de dor só pode gerar alteridade quando não for concebida como sendo uma janela de exposição de sujeitos ou grupos expostos, quando não a fotografia não for um instrumento para saciar a curiosidade, descartando qualquer possibilidade de dessubjetivação e instrumentalização do outro.

Essas expressões de poder e distinção social circulam em formas de representação na produção midiática como algo naturalizante, ainda mais em cidades do porte de Paris que abriga uma gama muito grande de pessoas, que tem uma estrutura urbana muito densa e já foi alvo de atentados. A violência nesses espaços se dilui em meio ao caos do cotidiano, torna-se natural também a necessidade de estratégias para limitar, conter ou até mesmo aniquilar aquilo que é indesejável, estranho ou exótico aos signos de poder, o que pode explicar, por exemplo, a reação da polícia frente ao rapaz que foi alvejado no estacionamento do Louvre, conforme abordado no começo do texto.

Para justificar a presença da perversão na apropriação dos conteúdos midiáticos, é interessante perceber a alienação na interface com os textos elaborados. A referência de alienação é interpretada pela ausência de criticidade que começa pela intenção da fotógrafa de reconhecer no seu trabalho uma forma de denúncia quanto à questão dos imigrantes à Europa e à guerra civil na Síria e se estende na leitura feita pelos interlocutores.

A ausência crítica do contexto europeu sobre os imigrantes não é próspera para o pensamento de Nilüfer; nem sempre o trabalho é uma expressão de denúncia social. Como alega Hannah Arendt (1987) sobre as relações no universo do trabalho, ela estabelece diferença entre trabalho e labor; sendo que o primeiro é a constituição do universo artificial pela força do trabalho e o segundo é a repetição da força laboral que se tornou um código moral incorporado para a manutenção da vida como um sentido biológico, onde são produzidos bens consumíveis pela repetição da vida. Nessa perspectiva, a atividade laboral sobressai ao trabalho, ou seja, a repetição na reprodução constante do exercício de qualquer atividade está mais presente no espaço político do que a construção do mundo de artificios, naturalizada e referendada pelos sujeitos nesse espaço. A atividade do animal laborans, condição moderna do homem moderno pela força do labor, afasta o ser humano da vida em sociedade e condicionando-o aos valores individualistas que se limitam na reprodução do exercício da atividade laboral. Certamente que o trabalho dela tem muito valor, entretanto como pode a produção de um cadáver infantil ser suficiente para dar voz aos que não têm voz? Ainda mais no atual momento de constante conflito com os novos processos de migrações.

Na ligeira defesa da monitora do museu sobre a charge, porque na França seria diferente, sendo que centenas de islâmicos estão pelas ruas de Paris em estado de mendicância ou sofrem outros movimentos de discriminação? A necessidade de defesa do país recorre a noções de guarda a movimentos nacionalistas, semelhante aos discursos totalitários e autoritários do século XX que defendiam a supremacia racial e a força uniforme de identidade homogênea. Um ponto crítico seria traçar o conceito unificador de identidade francesa, ainda mais na atualidade, em que os referências identitárias encontram-se diluídos aos signos de cultura, miscigenação, o advento de tecnologias e da globalização (Hall, 2004). Os movimentos contemporâneos nacionalistas, de alguma forma, pretendem anular nuances de transformações, aniquilando pluralidades de representações identitárias, estabelecendo movimentos refratários de uma identidade nacional única.

As demonstrações de falta de criticidade e reflexão tornam-se frutíferas para a ocorrência de perversões pelo usufruto da condição e desqualificação de outrem para a promoção do gozo individual ou de um grupo. Compreender a charge como “engraçada”, como mencionou a gerente do estabelecimento; “ousada”, como disse sua amiga no balcão, até mesmo a saída do terceiro participante em silêncio são presságios que evidenciam traços de ausência crítica, alteridade ou a necessidade do esquecimento sobre algo irrefutável dentro da atual conjuntura europeia.

Enfrentar e discutir tal assunto no meio social seria reconhecer a representação perversa atribuída àqueles considerados que são diferentes do grupo, além de reconhecer o compartilhamento pela comunicação de signos perversos no universo cultural em que o grupo está inserido e, possivelmente, aludir a própria contribuição dos gestos perversos dentro desse circuito. Sujeitos como eles, como pontuou Arednt (1999) sobre o mal, não eram necessariamente perversos, “(...), nem sádicos, mas eram e ainda são terrível e assustadoramente normais (...)” (p.299).

Sobre as construções textuais, é peculiar a posição de Johnson de ponderar a relevância do texto na composição do circuito. O texto, que pode ser a organização tradicional de composições verbais, fotografias, imagens ou qualquer outra manifestação dessas qualidades, apresenta sentido não necessariamente em sua composição, mas nos efeitos sociais que podem ser gerados das suas circulações, algo muito distante dos processos de significação que levam em conta a composição discursiva e semântica dos textos. Johnson tece críticas aos modelos de análise semióticos, condição que ele denomina como miopias estruturais, pois são:

(...) limitadas, de uma forma muito fundamental, por permanecerem no interior dos termos da análise textual. Mesmo quando vão além dela, elas subordinam outros momentos à análise textual. Em particular, elas tendem a negligenciar questões sobre produções de formas culturais ou de suas organização social mais ampla, ou a reduzir questões de produção à “produtividade” (...)Elas também tendem a negligenciar questões relativas às leituras feitas pelo público ou subordiná-las às competências de uma forma textual de análise. (Johnson, 2006, p.78).

Obviamente que os textos precisam ser analisados segundo uma perspectiva poética, da construção de um objeto; não obstante, para Johnson, essa condição

é limitadora das formas de análise porque são fechadas em si mesmas, mesmo quando são elaboradoras outras percepções epistemológicas. Por isso, a necessidade de acompanhar os textos segundo um referência cultural.

Por essas considerações que o autor aponta que o texto não deve estudado por ele próprio, limitado em si, nem pelos efeitos sociais, mas “pelas formas subjetivas ou culturais que ele efetiva e tornam disponíveis” (p.75). Certamente que deverá haver a interpretação semântica do texto, mas, o considerando em um campo maior de combinação com outras referências e áreas do conhecimento. Ainda na esteira do pensamento de Johnson, na perspectiva adotada por ele, os estudos culturais descentralizam o texto como uma preocupação epistemológica e metodológica e, por isso, que ele considera “a vida subjetiva das formas sociais em cada momento de sua circulação, incluindo suas corporificações textuais.” (p.75).

Assim, os textos não podem ser compreendidos limitando-se exclusivamente à operação semântica. Eles são considerados sintomas das qualidades que estão em circulação, bem como apresentam considerações importantes sobre os comportamentos e discursos que estruturam a cultura. O reconhecimento do horror e da espetacularização pela fotografia do menino morto e a naturalização da perversão da charge constituem os paradigmas sociais de instrumentalização e desqualificação das ações de alteridade que fomentam e edificam os alicerces da cultura de perversão. Por isso que o texto, para Johnson, é “carregado com significados que lhe foram atribuídos a partir de uma alguma outra prática social” (p.108).

A leitura dos textos dentro do circuito fortalece a intenção de movimentos subjetivos. Mesmo havendo o compartilhamento de elementos unificantes, as leituras são feitas a partir das concepções dos sujeitos “da atividade estruturada da vida, em seus lados objetivos e subjetivos, de leitores ou grupos de leitores: suas localizações sociais, suas histórias, seus interesses subjetivos, seus mundos privados” (p.89). Essas particularidades da leitura são advindas do âmbito do privado, no sentido de serem pessoais e subjetivadas e, como exemplo, a professora universitária consegue desenvolver com mais desenvoltura suas colocações, algo que não é presente em todos os participantes. Quando organizadas e expostas publicamente essas consideração são “*ensembles* caóticos e historicamente sedimentados que Gramsci caracterizou através do ‘senso comum’”, (p.89), Traduzido para do francês para o português, *ensembles* significa *juntos*, ou seja, há o compartilhamento de valores que não são necessariamente unificados ou rígidos, mas que, quando comungados, estruturam as transformações culturais.

Mais uma vez, o autor enfatiza a atenção para o olhar das movimentações culturais também para o reconhecimento da leitura. Além de importante reconhecer os valores subjetivos na intenção de qualificar a identidade dos sujeitos, é importante reconhecer os valores que integram os circuitos culturais, que vão além das questões subjetivas do indivíduo:

O contexto determina o significado, as transformações ou a saliência de uma forma subjetiva particular, tanto quanto a própria forma. O contexto inclui (...) situações imediatas (por exemplo, o contexto doméstico do lar) e o contexto ou a conjuntura histórica mais ampla. (p. 94).

Dessa forma que o autor considera que os *ensembles*, edificados pelos contextos, também são constituídos de valores da cultura vivida e das formas públicas de representação, ratificando, dessa forma, que o circuito não termina no quarto estágio apresentado pelo autor, mas torna-se uma ignição para a continuidade dos modos de produção que levam em consideração as perspectivas subjetivas e sociais na produção dos textos, das leituras e apropriações.

Algumas noções sobre o contexto da recepção das imagens já foram traçadas ao longo do texto. Entretanto, outras considerações precisam ser realizadas. Os movimentos migratórios contemporâneos que ocorrem na Europa (ainda mais depois da Primavera Árabe, em 2010, momento que desestabilizaram ditaduras e governos autoritários no Oriente Médio e parte da África) são consequências de guerras civis que se espalharam após revoluções e protestos contra esses governos e também em reação à influência estrangeira, principalmente americana, nos países dessa região. Como sintoma dessa situação, surge o Estado Islâmico (EI), grupo extremista islâmico que mostra pela violência a defesa do estado. O contexto no Oriente Médio já apresenta ações perversas pela existência de guerra e a ausência de liberdade, uma vez que a obrigatoriedade de um ato público perde o seu valor libertário a partir do momento que é executado sem liberdade, ou seja, privado de escolhas. Essas ações desqualificam e condicionam o ser humano às intempéries do acaso, do flagelo, privando-os da sua condição política de um sujeito social.

Por esses movimentos migratórios, europeus se veem na condição de dividir o espaço entre aqueles considerados diferentes, exóticos, além de reconhecê-los muitas vezes como sendo fortes ameaças para a paz social. A partir do momento que há a distinção e a criação de estereótipos, outros valores perversos são constituídos na intenção de preservar a unicidade da identidade nacional de modo monolítico e indivisível. Nessa expressão, a

comunicação lida de modo a justificar e estruturar representações que estabeleçam a necessidade de estratificar, humilhar, condenar, debochar aquilo que pode ser uma ameaça, já que, estruturalmente, é considerado como agressivo ou nocivo.

Além do ocorrido na redação de Charlie Hedbo, Paris também foi alvo de outro atentado em dezembro de 2015, quando um estádio de futebol e uma casa de noturna foram atingidos por bombas e teve 130 pessoas mortas. O clima de tensão e combate ao terrorismo é constante em Paris, sendo que nenhuma grande loja ou museu, principalmente nas proximidades de pontos turísticos ou de grande circulação de pessoas, oferecem acesso aos clientes sem antes revistarem bolsas e mochilas.

A defesa para o bem-estar de todos tornou-se responsabilidade do cotidiano para todos nesse ambiente conflituoso em que as representações midiáticas sobre islâmicos esbarram na construção estereotipada. Dentro do espaço político, os estereótipos não contribuem para a representação pública de grupos ou indivíduos, são mecanismos de representação restritos a signos clichês privados de diversidade de sentido. No circuito apresentado, apoiado pelos sujeitos que não promovem o pensamento crítico e reflexivo, esse sentido não apenas cria estereótipos, mas justifica a violência simbólica, a distinção social e a soberania por aqueles que dialogam com as estruturas de poder, além de naturalizar as formas de representação perversas. A naturalização estabiliza as variantes de poder e é “uma estratégia representacional que visa fixar a ‘diferença’ e, assim, ancorá-la para sempre. É uma tentativa de deter o inevitável ‘deslizar’ do significado para assegurar o ‘fechamento’ discursivo ideológico” (Hall, 2016, p.171, grifos do autor).

A naturalização das práticas perversas encontra-se, primeiramente, na fotografia do Aylan morto ao evidenciar a dor do outro como tema para conteúdos midiáticos e o uso (e também abuso) da espetacularização como alternativa de destaque e visibilidade do sofrimento como argumento para audiência. Na charge do jornal, a naturalização encontra-se no afeto desenvolvido que também não contribui para o espaço político de discussão, assim, as culturas vividas e as representações sociais tornam-se frutíferas para o desenvolvimento das perversões.

A distinção não ocorre apenas com islâmicos, a população negra também é alvo de ações perversas em Paris dentro do atual contexto. Naquele período de pesquisa, veio à tona que Theo, um rapaz negro de 22 anos, que mora na periferia de Paris, foi vítima de estupro praticado por policiais durante uma revista pelas ruas da região de Aulnay-sous-Bois, no dia 2 de fevereiro. Por resistir à revista, Théo teve a calça abaixada e com um cassetete, um dos

policiais inseriu o instrumento no ânus do rapaz. De acordo com os policiais acusados, o incidente não aconteceu voluntariamente, como alegou Theo, mas involuntariamente durante o conflito, todavia, as imagens de câmeras de segurança reforçam a versão do rapaz. Na viatura que foi levado à delegacia, os policiais ainda o chamavam de *négro*, *bamboula* e *salope*, sendo que os dois primeiros são termos pejorativos na cultura francesa para se referenciar a negros e o último é uma ofensa de desqualificação da honra, *cadela*.

Esse tipo de agressão ultrapassa a questão corpórea e suscita a indagação sobre o porquê de um estupro contra um rapaz negro seguindo com esse tipo de xingamento? A perversão perpassa, além da questão racial, a condição de gênero. A intenção foi de humilhá-lo pela virilidade, um imaginário de representação que associa a virilidade sexual aos homens negros, o que não deixa de ser estereotipação das representações dos negros no espaço social. Em entrevista ao jornal *Liberation*, o sociólogo Didier Fassin, afirma que o gesto dos policiais não foi de manter a ordem pública, “mas de impor uma ordem social” (Fassin, 2017, p.5), isto é, a criação de referenciais que justifiquem a incidência da violência em nome da unificação e aniquilamento dos sujeitos fora da órbita confortável de poder, mesmo que para isso sejam necessárias práticas de violência e intolerância, além da violência de sexualidade.

Theo foi internado e recebeu a visita do presidente francês François Hollande e de todos os demais candidatos à presidência, com exceção de uma: Marine Le Pen. Ela pertence ao partido Frente Nacional (FN), de ideologia de extrema-direita. Em discurso para lançar sua candidatura à presidência, ela não hesitou em defender a proposta da saída da França da zona do euro, ações nacionalistas, posicionar-se abertamente contra as imigrações na Europa e fazer a livre associação entre muçulmanos e terroristas, além de defender a “expulsão e eliminação dos espaços islâmicos”<sup>8</sup>. Aos gritos de “Nós vencemos”, a plateia que assistia ao pronunciamento dela ovacionava e legitimava as propostas de Le Pen. Essa livre associação entre terrorismo e islamismo foi uma das práticas de desmerecimento da dor alheia na representação de Aylan e que foi apontado pela última pessoa abordada. Le Pen é amiga de Donald Trump, atual presidente dos Estados Unidos que pretende construir muro para separar Estados Unidos e México, além de limitar o acesso de imigrantes de países islâmicos para aquele país.

Até mesmo um dos pesquisadores foi acusado injustamente de roubo dentro de uma loja de esportes no centro de Paris. De fisionomia tipicamente mulçumana (barba densa, olhos amendoados e nariz adunco) um segurança

---

8 Ver em <http://video.lefigaro.fr/figaro/video/marine-le-pen-les-lieux-de-predication-islamiste-seront-fermes/5311217625001/>. Acesso em 27 fev. 2017.

negro pergunta se ele tinha roubado a peça que trajava. No nervosismo, o pesquisador disse não entendeu o que perguntou e foi sendo conduzido a uma sala ao lado. De porta fechada, um outro funcionário chegou e fez a mesma pergunta. O pesquisador relata que comprou a peça no Brasil e que não estava entendendo o que estava acontecendo.

O segundo funcionário saiu da sala dizendo que assistiria ao vídeo da câmera de segurança e, caso ficasse confirmado o roubo, chamaria a polícia e ele seria preso. Nesse ínterim, o pesquisador tentou argumentar mais uma vez que a peça foi comprada há um ano Brasil, para demonstrar inocência, o pesquisador tirou a blusa e esvaziou os bolsos com luvas, moedas, recibos de museu. Cnicamente, o segurança riu, pegou a blusa e começou a cheirar a peça. “Você não comprou essa blusa. Você a roubou”, incisivo. A tensão acabou com a chegada de um outro funcionário, responsável pela seção que pertenceria à blusa, que disse que blusa não tinha nem em estoque. A cena acabou definitivamente com “Sinto muito”, pronunciado pelo segurança.

Todavia, o pesquisador ofendido entrou em contato com a loja via e-mail e apresentou o fato. Gentilmente, a responsável acolheu a denúncia e solicitou a presença dele na loja. Envergonhada pelo caso, ela afirmou que tomaria as medidas cabíveis e se desculpou intensamente pelo fato. Mas, a dúvida, o pesquisador deixou para que a funcionária respondesse ao analisar os movimentos perversos no cenário social francês: “Onde começa o ódio na França?”

### **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Perceber as tramas dos contextos e da cultura é uma saída próspera para reconhecer os modos de apropriação e reprodução de valores perversos no circuito da comunicação. Pela análise apresentada, não é a comunicação que fomenta a cultura perversa, nem os signos da cultura que promovem elementos para a circulação da perversão na cultura. Nessa intenção, é visível reconhecer a cumplicidade entre cultura e comunicação na estruturação de paradigmas discursivos e de sociabilidade que são praticados segundo a ausência de criticidade e reflexão. Os sujeitos abordados, em sua maioria, reverberam os discursos midiáticos (já considerados perversos), sem a devida reflexão, porque, dentro do circuito, esses elementos circulam livremente e se encontram repousados sobre elementos consagrados de representação que não necessitam de reformulações.

A morte, a dor, o sofrimento, a privação, o humor, o deboche encontram-se em sistemas já organizados pela comunicação como formas de representação, mas que foram elaborados previamente por uma questão hierárquica



de sentido impostos pelo poder de cultural de representação. A morte de uma criança (ou de várias como acontece anualmente nos países em conflito no oriente médio) pode gerar comoção mundial, todavia, a mobilização e o respeito à dor cabem entre aqueles que seriam “dignos” do luto. Mesmo havendo diferenciação nos modos de compreensão dos discursos midiáticos, como ocorreu no restaurante, a ausência de posicionamento crítico naturaliza os modos de representação desses discursos, o que justifica a perpetuação dessas representações. A criticidade não advém de classe social ou posição financeira do sujeito, mas na perspectiva adotada frente à reflexão sobre a condição do outro e os panoramas existentes para análise do contexto.

Destarte, essas representações são sintomas das práticas e discursos perversos que são servidos no cotidiano corriqueiro de uma cidade; percebe-se que o mal e a perversão se encontram na rua, trafegando em bares, restaurantes e museus, no cotidiano da vida. O mal não é genético, hereditário, mas, como apontou Arendt, o mal é banal; está nas páginas do jornal, nas conversas informais e na ausência de criticidade que foi construído histórico e culturalmente. Romper com esse circuito talvez seja impossível, pois sempre haverá aqueles que se fecham na individualidade e que não se projetam como sujeitos políticos que visam a coletividade, por outro lado, o mal e a perversão se alastram com facilidade, proliferam-se porque não necessitam do tempo para se disseminarem, tão pouco da reflexão para se reproduzirem.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARENDR, Hannah (1987). *A condição humana*. Rio de Janeiro: Forense Universitária.

ARENDR, Hannah (1999). *Eichmann em Jerusalém: o relato sobre a banalidade do mal*. Companhia das Letras: Rio de Janeiro.

DEBORD, Guy (1997). *A sociedade do espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto.

DOR, Joël (1991). *Estrutura e perversão*. Porto Alegre: Artes Médicas.

DUFOUR, Dany-Robert (2013). *A cidade perversa: liberalismo e pornografia*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

DUFRENNE, Mikel (2008). *Estética e filosofia*. São Paulo: Perspectiva, 2008.

ESCOSTEGUY, Ana Carolina (2007). “Circuitos de cultura/ circuitos de comunicação: um protocolo analítico de integração da produção e da recepção”. *Revista Comunicação, Mídia e Consumo*, número 11, Escola Superior de Publicidade e Marketing, pp.115-135.

FASSIN, Didier (2017). La volonté de blesser la masculinité de leur public est fréquente parmi les policiers. *Liberation* (Paris). número 11111, p.5.

FREUD, Sigmund (1996). Três ensaios sobre sexualidade [1905]. In: *Obras Completas de Sigmund Freud*, vol. VII, Rio de Janeiro: Imago.

HALL, Stuart (2016). *Cultura e representação*. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio: Apicuri.

HALL, Stuart (2004). *A identidade cultural na pós-modernidade*. 9ªed. Rio de Janeiro: DP&A.

HELLER, Agnes (1985). *O cotidiano e a história*. Paz e Terra: Rio de Janeiro, 1985.

JOHNSON, Richard (2006): “O que é, afinal, Estudos Culturais?” em SILVA, Tomaz Tadeu (Ed.), *O que é, afinal, Estudos Culturais?* Belo Horizonte: Autêntica.

LACAN, Jacques (1998). *Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar.

SZPANCENKOPF, Maria Izabel Oliveira (2011). *Perversão social e reconhecimento na atualidade*. Rio de Janeiro: Garamond.